

O leitor vê publicada mais uma edição de nossa Bagoas. Se esse fato é sempre um motivo de alegria para os editores e certamente também para os leitores da revista, ver o resultado do trabalho de diversas pessoas reunido numa publicação suscita uma reflexão sobre o sentido do trabalho coletivo e colaborativo. Como em todas as edições, nosso n. 11 reúne a colaboração de colegas pesquisadores, professores, estudantes, estudiosos dos temas da sexualidade, gênero, relações sociais, cultura, sociedade. De diversas partes, cidades, países, colaboradores enviam seus trabalhos com o desejo de vê-los publicados e neles se pode constatar um esforço importante de análise e crítica sobre os temas referenciados.

Aos poucos, nesses últimos sete anos, vimos a Bagoas se consolidar como um espaço acadêmico, no Brasil e fora dele, para a publicação e o debate de assuntos de interesse não apenas intelectual e científico mas igualmente de interesse cotidiano e político. As análises e as reflexões que trazem os textos que publicamos concernem diretamente à existência de sujeitos sociais que ainda lutam por reconhecimento social, moral e jurídico em muitas sociedades e, em alguns casos, lutam até mesmo por sua sobrevivência física, visto que, em alguns países, são ameaçados de morte, seja na brutalidade de Estados e leis que institucionalizaram a criminalização das homossexualidades, seja na violência levada a efeito por mentalidades e práticas orientadas pela homofobia que ainda deseduca muitos nas nossas sociedades. Atualmente, em muitos países, gays, lésbicas e transexuais lutam desesperadamente para existir, quer isso queira significar a existência no mero nível físico, quer seja a existência social sem a discriminação, o assédio moral, a negação de reconhecimento.

Em meio a uma realidade desfavorável, é um alívio e uma esperança saber que existimos como um coletivo disperso de pessoas, em diversas partes, que vem construindo um entendimento crítico e alternativo, capaz de educar gerações do presente e vindouras contra mentalidades preconceituosas e mantenedoras de práticas de discriminação e de negação da existência gay. Ao fazer um balanço do que publicamos nestes sete anos, é possível verificar uma perspectiva

comum de denúncia de uma educação social centrada na ideologia da heterossexualidade obrigatória, de naturalização e universalização da heterossexualidade, tornando-a algo sem história e um dado da natureza dos corpos humanos, o que somente a esconde como uma instituição social e histórica (como todas as outras), um efeito de socialização desses mesmos corpos, nos quais toda uma maquinaria social opera para impedir que outros desejos e práticas eróticas possam surgir e reivindicar existir com a mesma legitimidade. Como os intentos dessa maquinaria em ação fracassam, é posta em atividade a ideologia de patologização de todos os desejos e práticas erótico-sexuais divergentes da heterossexualidade tal como é feito norma nas sociedades. Como denuncia essa perspectiva comum de nossos estudos e publicações, a ideologia da heteronormatividade anda de par com a patologização das sexualidades dissidentes dessa heterossexualização forçada a que todos somos submetidos em nossas sociedades.

Mas outra coisa ainda é afirmação comum em nossas perspectivas, apresentadas nos textos que circulam em nossas edições: embora toda a vontade de heterossexualização generalizada, não sai vitoriosa a máquina social hegemônica de produção da “sexualidade normal”, seu fracasso tem muitas expressões. Outros desejos surgem, habitam os corpos, e explodem como práticas, configurando a experiência de autonomia erótico-sexual que muitos levam adiante, e em torno da qual constroem suas vidas, com independência, liberdade, prazer, alegria. O que os levam a lutar por reconhecimento, isto é, admissão de sua justeza, dignidade, legitimidade. Os textos que têm circulado em nossas edições trazem os muitos exemplos dessas vidas e suas lutas, suas estratégias, linhas de fuga e afirmação cotidianas. Apresentando-as através da análise de dados de etnografias, entrevistas, pesquisas as mais variadas, e a partir também das próprias vivências de seus autores.

Sim, da vivência de seus autores, pois, uma outra marca de nossa produção intelectual, é a opção metodológica pela implicação dos pesquisadores nas investigações que realizam. Por nossos trabalhos, em todos aqueles já publicados, não se veicula o mito da neutralidade científica, a ideologia cientificista que pretende a separação entre pesquisador e objeto pesquisado, ciência e política.

Aliás, mito e ideologia que, como tais, escondem o compromisso de investigadores e pesquisas com aquilo mesmo que dizem estar separados. No caso dos estudos gays, *queers*, pesquisas de sociólogos, antropólogos, historiadores, psicólogos, educadores, assistentes sociais, filósofos, entre outros, no trato com os assuntos de gênero e sexualidade, seus compromissos são com a produção de conhecimento que desvele a gênese histórico-social das instituições e dispositivos que produzem e conservam as construções das identidades e normas de gênero e as da sexualidade nas nossas sociedades e culturas. Revelando-as como fatos da cultura e da história, da linguagem humana no lidar com a realidade de tudo, de modo a retirá-las de uma esfera na qual não podem ser situadas: a natureza. Consequência epistemológica e política desse compromisso é um outro: assumir a análise dos processos e experiências individuais e coletivas nas quais emergem desejos e práticas que constituem dissidência, divergência e ruptura com a ordem sexual e de gênero estabelecida e consagrada, e a defesa do entendimento de suas legitimidades, desde que não impliquem violência sobre outrem. Não são poucas vezes que nossos textos assumem sentidos heresiarcas na relação com a ordem hegemônica e sentidos emancipatórios e libertários em defesa daqueles que decidiram por uma vida afirmada em sua própria autonomia e liberdade de escolha: afetiva, sexual, erótica, intelectual, política etc.

Não me escapa aqui lembrar do caso recente de um professor, nos Estados Unidos, que, tendo decidido contar para sua turma de estudantes do ensino fundamental que era gay, aproveitando uma lição sobre bullying e homofobia, teve a alegria de ver uma de suas alunas, com apenas 9 anos, escrever estas palavras: *"Continuo pensando em você da mesma forma que antes. Você é um grande professor e estas são apenas algumas das palavras que usaria para descrever você: ótimo, incrível, fantástico, brilhante, impressionante e corajoso. A razão pela qual digo corajoso é porque você compartilhou um segredo pessoal que foi muito corajoso. Você não tem que se sentir com medo, porque sei que todo mundo na classe pensa da mesma maneira que eu"*. Ora, o caso serve para pensarmos sobre a importância e eficácia da educação de crianças e jovens. Tão rápido tomou conhecimento da sexualidade do professor, tão rápida foi

a garota na manifestação de seu entendimento, o que revela que, sem os atravessamentos da homofobia, crianças e jovens podem ter uma outra relação com as escolhas sexuais dos demais com quem convivem, ainda todo o peso da educação a que são submetidos, sustentada na heterossexualização compulsória. O gesto do professor é também outra lição importante a reter: sem nada dizer a seus alunos, o professor permaneceria no armário escolar como tendo algo a esconder de repreensível em sua vida. O que só colaboraria com a ideia ideológica que a homossexualidade é uma desonra na história de qualquer um, não podendo ser anunciada ou exibida, e mais ainda quando se é professor, representando uma ameaça de perigosa influência sobre crianças e jovens. Rompendo com essa ideologia, o professor confirma o valor da liberdade e a virtude de ser livre. E no que pode se constituir essa virtude no trabalho da educação.

Para o conhecimento, a ciência, a filosofia e as artes, a liberdade é uma condição inegociável, e ser livre é virtude a ser apossada com obstinação por cientistas, pesquisadores e educadores.

Mas, há tão poucos dias dos atentados terroristas em Paris, contra uma revista política, a Charlie Hebdo, e contra um supermercado judaico, praticados por jovens islâmicos, treinados pela Al-Qaeda e pelo Estado Islâmico, nossa reflexão se depara também com o assunto do fundamentalismo religioso como uma ameaça às liberdades de expressão em todos os sentidos: do pensamento, sexual, afetivo, amoroso, político etc. É bem conhecido por todos (exceto por aqueles que decidiram negar a realidade!) que os fundamentalistas e fanáticos religiosos que perseguem a liberdade intelectual, científica e artística são os mesmos que perseguem mulheres, gays, lésbicas e transexuais por seus “pecados”. Não são poucos os exemplos de sistemas totalitários, de proibição de liberdades, comandados por vertentes de um islamismo fundamentalista, que, hoje, pratica o que um cristianismo fundamentalista plantou na história.

Crenças religiosas têm sido utilizadas para perseguir não apenas intelectuais, políticos, jornalistas, artistas, cientistas, mas, igualmente, a gays, lésbicas e transexuais, com suas estapafúrdias ideias que aquilo que não é heterossexualidade (e para a procriação) é “pecado”, a homossexualidade fazendo parte do rol dos chamados

“pecados abomináveis”. Hoje, acusados pelo obscurantismo das crenças de um islamismo pré-medieval, professadas por fundamentalistas e fanáticos, bem distantes de um islã moderno e erudito, ou acusados pelo pensamento retrógrado de líderes de igrejas evangélicas neopentecostais, em diversas partes, gays, lésbicas e transexuais têm sido talvez os últimos objetos de uma ofensiva religiosa fundamentalista na condenação de suas vidas, como se seus desejos e vidas afetiva, erótica e sexual fossem, como nos discursos de outrora, “pactos com o Diabo” que devem ser evitados ou punidos.

Cabe a todos nós, educadores, pesquisadores, cientistas, professores universitários ou não, educar contra essas crenças sem fundamento, lutar contra sistemas totalitários de pensamento, e confirmar o valor da liberdade e afirmar a virtude de ser livre!

Que a Bagoas, com a colaboração de todos e todas que publicam seus textos nela, esteja dando o seu contributo à afirmação da liberdade e fazendo história!

**Alipio de Sousa Filho**

**Editor**